

"As personagens de Elena Armas são fortes, determinadas e cativantes, mas também têm inseguranças, traumas e medos como todas nós." – *Paola Aleksandra, autora de Amor às causas perdidas*



O DILEMA DA

Noiva

ELENA ARMAS

AUTORA DE UMA FARSA DE AMOR NA ESPANHA



*Para meus leitores (sim, você. Oi, amore).
Suas expectativas não são irrealis.
Nunca deixe que ninguém te convença de que você está pedindo demais.*



PRÓLOGO

Pouco mais de um ano antes...

Josie

Quando você atende o telefone e um estranho diz *Eu sou seu pai*, você sabe que sua vida está prestes a mudar.

Sério, pense em Luke Skywalker. A existência dele virou de ponta-cabeça após ouvir essas quatro palavras. E embora eu não fosse uma espécie de guardiã da justiça prestes a ser levada ao limite de todo o mal, e o homem ao telefone não fosse um vilão intergaláctico com a respiração pesada e de máscara, meu mundo saiu um pouco do eixo.

Com uma única ligação telefônica, deixei de ter um pai sobre o qual não sabia nada – só que seu nome era Andy – para entrar na vida de um homem que passou *uma noite daquelas* com minha mãe 29 anos antes. Com direito a *rolar no feno e ir embora sem olhar para trás*.

O que não tem problema nenhum, mesmo. Minha mãe nunca falava muito sobre aquela noite, ou sobre o homem com quem teve o *rala e rola*, mas sempre dizia o bastante para que eu não me ressentisse dele ou do modo como fui concebida. Isso não significava que parte de mim nunca teve curiosidade. Eu tive. Mas, na maior parte do tempo, o pouco que eu sabia me satisfazia.

E daí se éramos só minha mãe e eu? E daí se minha família era diferente da família das outras crianças? E daí se eu tive que preencher um dos lados da minha árvore genealógica com uma coleção de adesivos de animais marinhos e isso fez com que me chamassem de *água-viva* durante toda a quinta série? As águas-vivas são criaturas impressionantes, muito subestimadas, e eu aceitei o apelido com orgulho. Ser criada por apenas um dos

pais não era assim tão raro ou estranho. E, como minha mãe sempre dizia, *o importante é o que fazemos com as cartas que o destino nos dá.*

Só que, pelo jeito, o destino estava guardando alguns coringas na manga.

Porque depois de quase três décadas de silêncio, meu pai tinha me ligado. E ele tinha um nome (*Andrew, não Andy*, insistiu), um sobrenome (*Underwood*), um endereço (em Miami) e, pelo que parecia, a missão de me apresentar à minha nova família. A um mundo novo. A uma vida à qual eu jamais imaginei pertencer.

Eu também tinha uma irmã. *Uma irmã.* E Andrew Underwood? Ele era um figurão.

E não estamos falando de um figurão do tipo *Ah, ele se deu bem.* Estamos falando de um figurão do tipo *magnata dos negócios, corporação multimilionária, nome nas manchetes, com certeza tem um motorista e provavelmente um helicóptero.* Ele era dono de um time de futebol da Major League Soccer, pelo amor de Deus. Andrew Underwood tinha se saído mais que bem. Era bem-sucedido. E eu sabia disso não porque ele mesmo tenha matraqueado a respeito ao se apresentar, mas porque já tinha ouvido falar dele antes da ligação. Assim como toda a cidade de Green Oak, o estado e, nos últimos tempos, boa parte do país.

Foi por isso que eu ri. Depois de um longo momento de silêncio, eu ri. Para falar a verdade, era isso ou desligar. Porque aquele homem estava dizendo para *mim* – Josie Moore, prefeita da cidade onde nasci, proprietária orgulhosa de um café, colecionadora de tudo o que brilha e restauradora entusiasta de cerâmica quebrada – que o espaço que eu preenchi com uma arraia na minha árvore genealógica pertencia a Andrew Underwood. E não só isso, mas que de alguma forma eu fazia parte de um universo complicado de riqueza que parecia ter saído de uma série da HBO sobre o legado de famílias poderosas. Eu não me encaixava naquele cenário. Era uma garota nascida e criada em uma cidade pequena. *E com orgulho.* Claro, fui noiva de um político por um tempinho e quase virei uma esposa troféu, mas só quase. Foi o mais perto que cheguei desse mundo. Era impossível que eu fizesse parte do legado de alguém. Daí a risada.

Eu não faço piadas, Josephine, respondeu Andrew com a mesma voz grave que tinha usado para dar a notícia. Mas, afoita, dei risada mais uma vez. Foi quando ele mencionou minha mãe. Não me lembro exatamente do

que ele disse, só das palavras *Eloise e meus pêsames*, ou outra trivialidade qualquer.

Mais tarde me dei conta de que parei de ouvir nesse momento. Escutei vagamente que o assistente de alguém ia me ligar. E que Andrew agradeceria se eu mantivesse a conversa em segredo. E alguma coisa sobre a imprensa. Mas, ao longo do restante da ligação, tudo ficou em câmera lenta e eu *puf*, desapareci, assentindo de vez em quando e soltando murmúrios monossilábicos quando a linha ficou muda.

Naquela noite, não preguei o olho. Aquilo me deixou incomodada. Tanto que deixei – com delicadeza – um dos meus vasos de flores escorregar da minha mão para que eu pudesse passar horas colando de volta e... parar de pensar. Ou pelo menos ter uma desculpa para fazer isso. Não sei ao certo. Sempre achei que eu fosse uma pessoa que gosta de mudanças. Na maioria das vezes, elas apenas aconteciam, mas sou capaz de identificar algumas situações em que eu as persegui ativamente. Eu gostava de ser desafiada. E mudanças fazem isso. Não havia escolha, eu tinha que seguir em frente e, por um tempo, todo o resto parecia desaparecer e toda a minha energia era direcionada para aquilo. Subir até o topo. Superar.

Na minha opinião, mudanças eram o tempero da vida. Elas faziam com que eu me mantivesse alerta.

No entanto, pela primeira vez, diante daquele acontecimento, daquele novo desafio, daquelas novas cartas que o destino estivera guardando para mim, não senti nenhum entusiasmo. Morri de medo.

Porque, quando perdi minha mãe, perdi também qualquer esperança de descobrir quem era *Andy*. De encontrar as peças que faltavam no quebra-cabeça que fazia de mim a mulher que eu era. Ou simplesmente de poder escolher se eu queria me lançar naquela busca.

Não havia muita escolha agora. Andrew tinha acabado de aterrissar na minha vidinha simples, escancarando uma porta bem à minha frente.

As milhares de perguntas que eu reprimira borbulhavam dentro de mim. Eu me sentia outra Josie.

O importante é o que fazemos com as cartas que o destino nos dá.

Acho que eu já sabia que a mudança estava começando.



UM

Dias de hoje

Mergulhei a mão no pote de geleia.

– Vamos, vamos, vamos – murmurei.

Observei a geleia vazar conforme eu mergulhava a mão mais fundo, a gosma vermelha sabor morango cobrindo minha pele até o pulso.

– Não faz isso comigo. *Por favor*. Sai. Vamos.

– *Moshie?* – chamou o Vovô Moe, da sala.

Fiquei paralisada. O movimento dos meus dedos parou de repente. Droga. Se vovô visse o que estava preso no meu dedo ia encher meu saco para todo o sempre. Além do mais, se me visse desperdiçando a geleia depois de eu ter prometido fazer um cheesecake, ele ia...

– *Moshie* – chamou ele mais uma vez.

– Quê?

– *Xem ua ulher no xarxim*.

Revirei os olhos.

– O quê? – perguntei, embora tivesse entendido um pouco.

Eu era fluente no idioma. Vovô-Moe-sem-dentadura.

– Tem uma mulher no jardim – repetiu ele, a fala mais nítida, o que significava que tinha colocado a dentadura.

Suspirei ao olhar para a minha tentativa desesperada de tirar aquela coisa do dedo. Eu devia ter tentado manteiga. Ou óleo. E precisava distraí-lo e mantê-lo longe da cozinha.

– Como você sabe que ela não está só de passagem?

– Ela está subindo os degraus da varanda. Não gostei dela.

Droga. Será que alguém estava mesmo chegando?

– O que foi que eu disse sobre ficar bisbilhotando? – perguntei, tirando a mão do pote e tentando arrancar aquela coisa do dedo. – As pessoas veem você aí de olho que nem um... – puxei com mais força – um maluco de suspensório.

Aquela coisa não se mexia por nada. Tentei mais uma vez.

– Sei que você acha que isso faz parte de vigiar a vizinhança, mas...

Meus dedos escorregaram, minhas mãos se afastaram uma da outra e meu cotovelo bateu no pote, que caiu no chão e quebrou, um escândalo vermelho-morango.

– O que foi isso? – perguntou Vovô Moe.

Soltei um palavrão baixinho ao ver a bagunça que tinha feito no balcão e no chão e, bom, em mim mesma. Mãos, roupão, pés, tudo coberto de geleia, e eu em pé no meio dos cacos de vidro.

– Eu só derrubei um negócio aqui. Está tudo sob controle.

A campainha tocou.

Talvez não tudo.

– Vovô Moe?

Ouvi o rangido da cadeira quando ele se sentou.

– Moe Poe? – chamei, com uma voz doce, limpando as mãos no...

Onde estavam os panos de prato? O roupão ia ter que servir.

– Pode, por favor, abrir a porta pra mim?

– Ela não veio falar comigo. E eu não gosto de estranhos. Ou da aparência dela. E... – Ele fez uma pausa. – Sou velho.

– Ser velho não é desculpa pra tudo, sabia? – falei, juntando vários cacos e levando-os até a pia com cuidado. – Não pode usar isso pra ficar com o último muffin de chocolate e não atender a porta.

Resmungos raivosos vieram da sala enquanto eu juntava mais cacos, esperando por um sinal de que ele se levantara. Não ouvi nada, e isso foi me deixando cada vez mais perto de... perder a cabeça.

– Moe Poe, está...

A campainha tocou mais uma vez, e me assustei. Uma pontada aguda de dor na palma da minha mão me fez estremecer.

– *Droga* – falei, arquejando. – Vidro idiota e...

Ouvi a campainha uma terceira vez. E uma quarta. E uma quinta.

Fechei os olhos e soltei o ar, frustrada.

– *Maurice Antonne Brown* – falei, os dentes cerrados –, se não atender a porta eu juro que vou dar uma surra nessa sua bunda teimosa e fedorenta...

– Tá bom, tá bom – resmungou ele. A cadeira rangeu. Ouvi passos lentos e pesados. A porta da frente se abriu. – *Fois dão?*

Filho da... Às vezes ele me fazia querer gritar.

– Como é? – respondeu uma voz de mulher.

– *Fois dão?* – repetiu Vovô Moe, como o homem insuportável que sabia ser quando queria.

Parte de mim não conseguia acreditar que ele tinha tirado de novo a dentadura, mas por que eu estava surpresa?

O vovô era um rabugento inveterado e, desde o leve derrame que fizera com que eu arrumasse suas coisas na mesma hora e o levasse para morar comigo, seu mau humor estava no nível máximo. Mesmo agora, quando ele já estava quase cem por cento recuperado.

– Eu... – disse a mulher. – Eu estou procurando por Josephine Moore. Tenho certeza de que o endereço é este. Todos com quem falei na cidade confirmaram.

– *E?* – disse ele. A audácia.

Um momento de silêncio.

– E que eu nunca me engano – respondeu a mulher. – E odiaria perder mais tempo, então, se não se importar em chamar a Srta. Moore para mim, eu agradeço. Estou aqui há um tempão, vendo o senhor me observar da janela. Não sei se o propósito era me intimidar, mas não funcionou.

Mais uma pausa.

– Já lidei com coisas muito mais assustadoras que um velhinho desdentado de suspensório.

Soltei um gemido. Da última vez que foi chamado de velho, Vovô Moe fez com que saíssemos na capa do jornal da região. A foto em preto e branco que o mostrava brigando com Otto Higgings por uma tesoura de jardinagem enorme – comigo no meio dos dois, os braços estendidos e uma expressão de puro pânico – ainda assombrava meus sonhos em algumas noites. Eu sempre quis aparecer na primeira página do jornal, mas gostaria que não fosse com a manchete: *Guerra da poda em Green Oak. Prefeita tenta manter a paz.*

Como se ele estivesse lendo meus pensamentos, ouvi a risada de vovô. Não foi um som fofo. Foi a sua risada de *estou aprontando*. Danem-se a geleia, a bagunça e o roupão – e, sim, a máscara facial de extrato de algas –, aquela risada me fez entrar em ação. Esfreguei as mãos o melhor que pude no roupão já sujo e corri até a porta.

Dois pares de olhos piscaram para mim. Os lábios de vovô pareciam formar uma pergunta à qual eu não queria responder, então sorri e – com delicadeza – o empurrei para o lado. Foi quando percebi que um tom mais escuro de vermelho cobria minha mão. E não era geleia. Era sangue.

Enfie as mãos nos bolsos do roupão e fui até a mulher.

– Olá – falei, com um sorriso largo. – Meu nome é Josie. Josephine Moore. Sou eu mesma. Até apertaria sua mão, mas... germes. Que tal um cumprimento de cotovelos? – Ofereci o meu. – Fiquei sabendo que está na moda hoje em dia. Entre as crianças e... jovens adultos. Da internet. De todo lugar.

A mulher piscou, seus olhos subindo e descendo pelo meu corpo algumas vezes, até uma careta estranha se formar em seu rosto.

– De jeito nenhum. Não – disse ela, parecendo chocada. – O que... – Ela parecia procurar o jeito certo de formular a pergunta. – Por que parece que você saiu de dentro de um bolo de morango?

– Ah. Eu, hã, estava... assando um bolo – expliquei, rindo. Eu não queria rir. Queria que aquela noite chegasse ao fim e um novo dia, um em que um anel não estivesse preso no meu dedo, começasse. – Sou bagunceira. É comum fazer bagunça ao assar um bolo. Desculpa, não ouvi seu nome. O meu é Josie, mas já falei isso.

A careta da mulher se desfez. Um pouco.

– Meu nome é Bobbi – disse, assentindo, e o cabelo loiro chanel que emoldurava o rosto dela mal se mexeu. – Bobbi com *i*. Bobbi Shark.

Um silêncio estranho se seguiu.

– Belo nome – comentei. – Gostaria de entrar, Bobbi?

Ela ergueu a sobrancelha.

– Você está agindo como se estivesse ouvindo falar de mim pela primeira vez. Era pra você estar esperando a minha visita.

Ainda bem que a máscara escondia minha testa franzida, porque eu me lembraria se estivesse esperando a visita de alguém cujo sobrenome era

Shark. Mas também não seria a primeira vez que alguém aparecia à minha porta a uma hora estranha, exigindo alguma coisa.

– Como eu digo a todos – comecei, dando um passo para o lado e abrindo mais a porta com o ombro, meu sorriso ainda mais largo –, entre, e podemos conversar durante o tempo que você quiser sobre o que você precisa. – Lancei um olhar penetrante para o homem à minha esquerda. – Vovô Moe vai para a cozinha arrumar a baguncinha que eu deixei lá. Depois vai preparar um chá pra nós. *Não é, vovô?*

Ele resmungou alguma coisa, mas se virou e foi para a cozinha.

Voltei minha atenção para Bobbi, que não parecia ter intenção nenhuma de entrar.

– Ou... – falei, reprimindo um suspiro. – Podemos conversar aqui na porta. Mas, nesse caso, é bom esquecermos o chá. Conseguir que ele faça o chá é uma coisa, fazer com que ele nos sirva é outra.

Minha piada não teve o efeito esperado. A julgar pela expressão carrancuda de Bobbi, ela nem percebeu que eu só estava fazendo graça.

– Você não sabe quem eu sou – disse Bobbi. – E está me convidando para entrar?

Pensei na resposta.

– Bom, acho que você não é uma vampira, então...

– Não, nã-não – disse ela, me interrompendo. – Pode parar de gracinha. – Meus lábios se fecharam de repente. – Tudo bem. Primeiro: você vai parar de convidar estranhos para entrar na sua casa – instruiu ela, com um tom de voz tão sério que fiquei meio chocada. – E segundo... – continuou, estendendo a mão e gesticulando na minha direção. – O que quer que *isso* seja, não vai funcionar. Você não vai mais abrir a porta assim. Não vai nem espiar pela janela assim. – Ela bufou. – Você não está envolvida na política?

– Eu... – Estava perdida. Não fazia ideia do que estava acontecendo. – Não gosto de pensar que sou política. Claro, sou a prefeita da cidade, mas é apenas um papel voluntário em um lugar pequeno assim. Na maior parte do tempo, eu nem preciso fazer nada.

Mas também havia os momentos em que apagar um incêndio metafórico arrancava anos da minha vida. De repente, me dei conta de uma coisa.

– Espera. Você está aqui por causa da Carmen?

Bobbi ergueu as sobrancelhas.

– Desculpe, quem?

Olhei bem para a mulher à minha frente: o casaco cinza-claro de lã e as botas de couro aparecendo embaixo da bainha. A maquiagem impecável, o corte chanel perfeito, o jeito de falar de quem se acha muito importante que ela não conseguia esconder.

Será que os Clarksons tinham levado a questão da cerca tão a sério a ponto de contratar uma advogada da cidade grande?

– Está perdendo seu tempo – falei. – Foi só um mal-entendido. Os Clarksons estão gastando um dinheirão em algo que pode ser resolvido com uma conversa civilizada. Não é culpa de ninguém que Carmen tenha escapado. As vacas não são animais tão preguiçosos quanto as pessoas acham. Podem ser bem furtivas. E Robbie Vasquez não tinha como saber o que ela fazia antes de instalar as câmeras de segurança ao redor do celeiro. Ele não imaginava que ela fugia. Muito menos que invadia a propriedade alheia e se engraçava com o gado dos Clarksons. Na minha opinião, é o chamado da mãe natureza.

Bobbi *com i* piscou e me encarou como se uma segunda cabeça tivesse crescido em meu pescoço. E como se ela estivesse pensando em cortá-la e se livrar dela.

Meu Deus, será que eu ia ser processada? Será que Robbie ia ser processado?

Meu estômago se revirou.

– Por favor, não nos processe. Eu juro que a cerca vai ser consertada.

Bobbi fechou os olhos.

– Só pode ser um pesadelo – resmungou.

– Isso é um sim ou um não? Porque eu juro, Srta. Shark, não tem nenhuma necessidade...

– Você – disse ela, me interrompendo. – Isto. Gado. Vacas que se chamam Carmen. Cercas. Celeiros. Este... clima. O ar fresco. O fato de eu não ter visto *uma única* Starbucks desde que saí do aeroporto. Tudo isso. – Abri a boca, mas ela me impediu de falar ao erguer um dedo. – Você não faz ideia do que está acontecendo ou do que estou fazendo aqui, e me garantiram que você tinha sido informada e que concordara com tudo. Tenho a confirmação por escrito. Posso mostrar os e-mails, tenho certeza que copiaram você em todos eles.

Os e-mails?

Os...

Uma imagem surgiu em minha mente. Uma lembrança.

– Eu achava que meu último relacionamento era tóxico, mas clientes conseguem ser piores que um parceiro egomaniaco que acha que está nos fazendo um favor com suas manipulações – continuou Bobbi, tirando o celular do bolso do casaco e batendo na tela. – Ele vai saber disso. Essa confusão vai nos atrasar um dia inteiro, talvez dois. Que perda de tempo.

Ele vai saber disso.

Ele.

Engoli o nó de pavor que se formava na minha garganta. Minhas palavras quase não tinham força para sair.

– Quem é você?

De repente, Bobbi parou de tamborilar no celular. Então olhou para mim, surpresa.

– Sou estrategista de relações públicas. E das caras. Você saberia se tivesse lido os e-mails. – Ela pareceu pensar um pouco e deu uma olhada em volta. – Vocês têm internet aqui, não é? Tipo, eu sei que é um lugar remoto, e que tem... árvores, montanhas, natureza e, sabe, *rusticidade* ou sei lá. Mas vocês têm internet aqui. *Não é?*

Eu preferiria que não tivéssemos, para falar a verdade.

Assim eu teria uma desculpa para dar àquela estrategista de relações públicas que só podia ter sido enviada por um homem. *Ele.*

Andrew Underwood.

Isso me eximiria da culpa de ter ignorado as últimas tentativas de comunicação de Andrew. Algo que não fosse: *Eu tinha esperanças de reunir a coragem necessária para abrir os e-mails um dia. Ou: Desculpe, não consigo entrar em outra reunião do Zoom com você e seu assistente, que finge fazer anotações porque nós ficamos nos encarando, constrangidos. Ou...*

– ... seu pai.

As palavras de Bobbi me trouxeram de volta para a conversa.

Porque eu tinha viajado. E ela estava falando. Provavelmente sobre o que fazia ali, quem a enviara e por quê. Uma possibilidade surgiu em minha mente.

– Espera... Andrew está aqui?

Bobbi ergueu a mão.

– Não. Ele é ocupado demais para lidar com esse tipo de coisa.

Esse tipo de coisa.

Que tipo de coisa?

Todas as respostas possíveis rodopiaram em minha cabeça, e eu...

– Acho que você não está me ouvindo, Josephine – declarou Bobbi.

Ela não estava errada.

– Então acho bom informar você da situação – disse, e soltou um suspiro. – De novo.

Ela massageou as têmporas.

– Temos um problema. Bom, na verdade, você é o problema.

Estremeci.

– Você tem um passado interessante – continuou ela. – Não te julgo por todos os noivados, acredite. Isso não teria nenhuma importância se você não fosse filha do Andrew. Ou se não tivesse aparecido no pior momento possível.

– Foi ele quem me ligou – resmunguei. – Eu não apareci. Na verdade...

– Adalyn o deixou sem alternativa – rebateu Bobbi.

Fiquei desconcertada com a lembrança do ultimato que Adalyn dera a Andrew quando descobriu que éramos irmãs. Ninguém sabia, muito menos esperava, que a mulher que ele mandara para Green Oak em uma missão filantrópica era minha irmã. Nem mesmo Adalyn, e muito menos eu, por mais que estivesse feliz por ser amiga dela quando a notícia se revelou.

– Na minha opinião profissional, ele lidou mal com a situação. E agora, um ano depois, ao tentar se redimir, ou seja lá o que ele queira fazer, piorou tudo ao falar sobre você e este lugar em uma entrevista à *Time*.

A matéria fora publicada na revista na semana anterior. Eu não sabia ao certo como ela piorara a situação, mas sabia que meu nome tinha aparecido em uma matéria de quatro páginas dedicada à vida e ao sucesso profissional de Andrew Underwood. Eu também sabia como o jornalista que a escreveu se referiu a mim.

Um descuido.

– E exatamente como eu disse que aconteceria – continuou Bobbi –, alguém teve a curiosidade de pesquisar sobre você e transformar a situação em uma novela desnecessária para todos os envolvidos. Não está fazendo

bem à imagem de Andrew. É uma ameaça aos negócios, e a tudo que está em jogo com a aposentadoria chegando. – Ela fez uma pausa. – Aliás, *você é a ameaça.*

– Eu? – perguntei, mas meu tom de voz saiu estranho.

– Você é o descuido do Andrew – explicou Bobbi, repetindo o termo que o jornalista usara.

Meu rosto empalideceu sob a máscara de algas ao ouvir aquelas palavras em voz alta.

– Ele passou décadas varrendo você para debaixo do tapete, o que não é bem uma novidade. Você ficaria surpresa ao saber sobre todos os filhos que grandes personalidades mantêm em segredo. Mas ele...

– Eu não... – Balancei a cabeça. – Eu não sou o descuido de ninguém. Sou só... filha dele.

– E agora todos sabem que ele abandonou você, Josephine – respondeu Bobbi, com uma certeza que me fez recuar, dando um passo para trás. – A garota doce de uma cidade pequena, que perdeu a mãe aos 17 anos e teve que se virar sozinha enquanto o pai ganhava milhões em Miami. – Ela voltou a erguer a mão com um floreio. – A garota doce de cidade pequena que foi tão prejudicada pela ausência do pai que se lançou em uma busca infrutífera ao tentar encontrar esse amor em outro lugar. A garota doce de cidade pequena que encantou não um, não dois, não três, mas quatro homens muito distintos. Só para dar no pé. *No dia do casamento.* – Seu tom ficou ríspido. – Parece coisa de TV. Fico chocada ao pensar que um homem tão inteligente não tenha percebido que isso prejudicaria sua imagem e ameaçaria seu legado.

Ameaçaria seu legado.

Agora meu rosto estava pegando fogo. Meu corpo inteiro, na verdade. A pele sob o roupão esquentava a cada segundo que passava.

– Isso não poderia estar mais distante da verdade.

– Ah, não? – perguntou Bobbi, dando de ombros. – Talvez você devesse ouvir um podcast chamado *Babado Real*. Terceira temporada, episódio doze, aos dezoito minutos. Elas dissecaram a história toda, em detalhes. É tão perspicaz que assusta. E também é o motivo pelo qual estou aqui.

Pisquei, atônita.

– Que... – A rajada de ar que deixou meus lábios interrompeu minhas palavras. – Que podcast?

– Um podcast que tem dois milhões de ouvintes toda semana – disse ela. – Se contar todas as plataformas, incluindo vídeo.

Fiquei boquiaberta, e ela me lançou um olhar que eu não consegui decifrar.

– Você estaria disposta a se mudar para Miami? – perguntou.

Quase cambaleei. Já estava ficando tonta.

– A julgar por esta noite, acho que você deveria fazer isso. Você precisa de mim mais do que eu imaginava. Mas não vou te ajudar a fazer as malas. A menos que com isso a gente consiga pegar o primeiro voo para sair deste lugar. Seria temporário. E o velhinho pode vir junto, embora eu preferisse que não. Podemos te colocar em um belo apartamento, e você participaria de eventos e passeios públicos com Andrew. Para enfrentar o turbilhão. Mostrar que estão unidos.

A voz de Bobbi virou um zumbido estridente perfurando meus ouvidos. Levei as mãos à cabeça. Às ténporas. Apalpei minhas bochechas, tentando sentir se minha pele estava queimando. Mas não senti nada. Será que aquilo seria um delírio causado por uma febre? Eu me sentia tão... sobrecarregada. Tão... prestes a fazer algo muito idiota. Como... tirar o roupão, começar a gritar e correr em direção à floresta. Fugir daquela conversa. Ainda que isso significasse correr nua no meio da noite. Eu...

– *O que é isso?* – perguntou Bobbi, arquejando, quase soltando um grito. – Por que ninguém me avisou nada?

Pisquei até que a estrategista de RP voltasse a entrar em foco, então segui a direção de seu olhar até a minha mão. *Meu Deus.*

– É só geleia. Talvez um pouco de sangue, porque me cortei, mas...

– Não. Não é a geleia – disse Bobbi, bufando. Ela apontou para o meu dedo. – *Isso.*

– Ah – sussurrei. – É só meu anel de noivado. Não é...

– Por que ninguém me disse que você está noiva mais uma vez?

Mais uma vez?

– Porque...

– Espera – disse ela, me interrompendo. – Cala a boca. Espera. – Ela fechou os olhos e na sequência fez algo que eu não esperava. Bobbi caiu na gargalhada. Ela riu. Não foi um som agradável. Sua risada soou enferrujada e meio... cruel. – Isso muda tudo.

Eu estava tão cansada. Tão exausta. Tão...

– Isso o quê?

– Isso – disse ela, erguendo minha mão. – É uma pena pra ele, mas é uma notícia excelente. Pra nós. Você, eu, Andrew, meu trabalho. Esta zona.

Minha mente buscou uma maneira de explicar àquela mulher que aquilo não passava de um mal-entendido. Que era um dos meus anéis de noivado antigos que estava preso no meu dedo. Não um anel novo. Que às vezes eu fazia coisas bobas, como colocá-los no dedo de novo por... nostalgia? Solidão? Burrice? E que, quando eu ficava estressada, meus dedos e meus tornozelos inchavam e, bom, os anéis ficavam presos por acidente. Mas eu estava muito estressada. Já estava antes mesmo de ela chegar, se considerarmos a geleia um indicativo do quanto minha maneira de solucionar problemas era péssima quando eu entrava em pânico.

E agora aquela mulher achava que eu estava noiva. De novo. Pela quinta vez. E que isso de algum jeito mudava tudo.

Eu... Ai, meu Deus. Eu ia vomitar. Precisava de um tempo para pensar. Eu...

Minha atenção de repente se voltou para algo que surgiu atrás dela.

Não algo. Alguém. Um homem. Parado em frente à entrada da garagem.

Acho que também chamamos a atenção dele, porque ele virou a cabeça na nossa direção. Seu cabelo bagunçado tinha tons de loiro-escuro, e consegui enxergar um par de óculos. Ele deu um passo à frente, e seu rosto foi iluminado pelo poste da rua.

– Matthew? – sussurrei.

Bobbi olhou para ele.

– Quem é esse? Seu noivo? Ótimo. Ele precisa mesmo participar desta conversa. Que tal um casamento enorme? – perguntou ela, curvando os lábios em um sorriso largo. – Vamos fazer um anúncio bombástico. Nada de economizar. Vai sair tudo do bolso do Andrew. Papai ao resgate. Não existe nada que as pessoas amem mais que um casamento. Um vilão convertido conduzindo a noiva até seu felizes para sempre. E bum!, bomba de relações públicas desativada. Laço entre pai e filha fortalecido. Reputações salvas. Crise evitada. Podcasters irritantes silenciadas. Ninguém precisa se mudar. Bobbi vence e volta invicta à civilização.

O tempo pareceu parar por um instante.

Bomba de relações públicas desativada. Laço entre pai e filha fortalecido. Reputações salvas. Crise evitada.

Então algo pareceu se encaixar dentro de mim.

Ergui a mão no ar e, para a surpresa de todos – minha, de Bobbi e definitivamente de Matthew –, gritei bem alto:

– Oi, amor!

Matthew pareceu recuar, e torci para que ele entrasse no jogo. Ele me conhecia. Sabia quem eu era.

– Amor da minha vida! – gritei ainda mais alto. – Você finalmente voltou!

Como disse, eu não era muito boa em resolver problemas quando estava sob pressão.

CONHEÇA OS LIVROS DE ELENA ARMAS

Uma farsa de amor na Espanha

Um experimento de amor em Nova York

Amor em jogo

O dilema da noiva

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

